

Bernardo Santareno • Helder Costa
J. Gomes Ferreira • Carlos Coutinho
J. Salazar Sampaio • L. Francisco Rebello
Mário de Carvalho • Virgílio Martinho

DRAMATURGIA DE ABRIL

Sociedade Portuguesa de Autores
Publicações Dom Quixote

BERNARDO SANTARENO • CARLOS COUTINHO
HÉLDER COSTA • JAIME SALAZAR SAMPAIO
JOSÉ GOMES FERREIRA • LUIZ FRANCISCO REBELLO
MÁRIO DE CARVALHO • VIRGÍLIO MARTINHO

DRAMATURGIA DE ABRIL

8 peças em 1 acto

Prefácio de CARLOS PORTO

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES/PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA

1994

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Dramaturgia de Abril: 8 peças em 1 acto

Bernardo Santareno... [et al.]

(Autores de língua portuguesa)

ISBN 972-20-1211-8

I – Santareno, Bernardo, pseud.

CDU 821. 134. 3-2 "19"



Publicações Dom Quixote, Lda.

Rua Luciano Cordeiro, 116, 2.º

1098 Lisboa Codex – Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© Autores, Sociedade Portuguesa de Autores, 1994

1.ª edição: Dezembro de 1994

Depósito Legal n.º 84245/94

Fotocomposição: Alfabeto – Publicações e Artes Gráficas, Lda.

Impressão e Acabamento: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

ISBN: 972-20-1211-8

AVISOS DE ABRIL

Alguma gente houve, e até excelente, já Abril desenferrujara as línguas, que se permitiu o luxo de ironizar sobre o facto de as gavetas, onde era suposto os escritores portugueses terem enfiado as suas obras, primas ou não, estarem afinal vazias (mas estariam?). Isto, como se fosse legítimo duvidar dos malefícios da longa, quase interminável noite censória que sofremos, não apenas criadores e afins mas também os potenciais usufruidores que dessas obras deviam ser. Ora, a mera existência dessas gavetas implica já uma situação, ao mesmo tempo, de insuportável vilania e de óbvia má-fé. Ironizar sobre elas parece de um gosto muito suspeito.

Não estariam as gavetas cheias, nem por isso deixaram de ser irremediavelmente mutilados o pensamento e a criatividade de gerações e gerações de portugueses. Essa é que é uma realidade incontroversa. Para o demonstrar basta recordar o exercício de respiração livre a que assistimos, em que participámos, logo que o 25 de Abril abriu de par em par portas e janelas, exercício documentado por um apreciável número de criações que em todos os domínios da Arte se tornaram realidade viva, porventura nem todas de qualidade excelente mas livres, não meras tentativas logo engavetadas, como antes.

Reúnem-se nesta Antologia, integrada no Repertório da SPA, alguns desses documentos que são, na sua circunstancialidade, na urgência de um combate inadiável, um breve mas não despi-

ciendo discurso sobre o sofrimento, sobre as lutas, sobre as carências, que os Portugueses dignos desse nome foram obrigados a suportar durante quase meio século de indignidades, também elas tema de um teatro que exprime opróbrios, mas também valores, duma sociedade castrada. A lista de peças em um acto, necessariamente limitada, aqui proposta coloca-nos perante autores consagrados como Bernardo Santareno, Jaime Salazar Sampaio, Virgílio Martinho e Luiz Francisco Rebello; autores predominantemente de outras escritas, como José Gomes Ferreira e Mário de Carvalho; um autor mais estreitamente ligado à prática teatral, caso de Helder Costa; por fim, um autor menos representado e conhecido, por razões de injustiça que interessa superar.

De que nos falam estas peças marcadas por vários elementos comuns: essencialmente, da necessidade de não aceitarmos a situação de aviltamento do ser humano e do combate pela sua libertação. Através da ironia, de algum modo premonitória (*O Congresso dos Pides*, de Helder Costa); também num enquadramento fortemente satírico o texto de Jaime Salazar Sampaio (*A Inauguração da Estátua*), discurso inteligentemente didáctico e ao mesmo tempo um divertimento teatral sobre a relação entre exploradores e explorados; num plano trágico, como em *O Sentido da Epopeia* de Mário Carvalho, referência à guerra colonial, e destes textos aquele que possivelmente permite um jogo teatral mais denso (*Estilhaços*, encenação de João Brites, espectáculo de O Bando); exprimindo uma problemática muito sensível e de difícil abordagem, a peça de José Gomes Ferreira, *O Subterrâneo*, que tem a ver com os instrumentos de que a ditadura se servia, como as polícias e as relações que estas estabeleciam entre esse poder discricionário e as suas vítimas, através do caso de um militante político e da maneira como reage à revolução. Virgílio Martinho situa a acção do seu breve drama (*Mulher, Aqui Estou como um Cão Perdido*) noutra zona, a que tem a ver com os problemas, tantas vezes trágicos, da emigração que atingia então dimensões insuportáveis.

É também de relações, neste caso familiares, de envolvimento, de luta, que nos fala o drama de Carlos Coutinho, *O Telefonema*. Esse quadro familiar surge-nos dividido entre um filho, militante comunista na clandestinidade, e o irmão, polícia político, sublinhando as particularidades que os respectivos comportamentos

provocam nos progenitores. Uma vez mais, e com notável verossimilhança, surge a situação sombria de uma sociedade mutilada nos seus melhores valores.

O texto *A Lei é a Lei*, de Luiz Francisco Rebello, como outros textos, questiona aquilo que foi e continua a ser um quadro político e humano definidor da inadmissibilidade de uma situação como a que vivemos com o Fascismo. As celeumas que o tema da polícia política e da sua acção têm levantado, a bondade com que a sua presença e essa acção foram/são, em certos círculos, encaradas, revelam como esses temas continuam a ser incontrolláveis. O polimonodrama, como o autor lhe chama, *A Lei é a Lei*, coloca-nos perante a situação de um Pide a ser julgado e a tentar justificar o injustificável, o seu comportamento de esbirro. É de certo modo outro texto premonitório.

Só não nos deixaremos ultrapassar pela História, só não sere-mos vítimas de situações que têm a ver com o que de pior tem existido na nossa própria História, se soubermos conservar viva a nossa memória dela, por mais dolorosa que nos pareça. Este volume, no que tem de específico, pode contribuir para não per-dermos a memória de um tempo que não queremos voltar a viver.

Carlos Porto

MULHER! AQUI ESTOU COMO UM CÃO PERDIDO

de

VIRGÍLIO MARTINHO

Extraído do volume *O Herói Chegado da Guerra e Outros
Textos em Teatro* (Caminho, 1981)

PERSONAGENS

HOMEM

MULHER

1.º EMIGRANTE

2.º EMIGRANTE

MULHER (1.ª) - *Uma mulher, com 40-45 anos, com um filho de 10 anos, que vive com o marido e os filhos em um pequeno apartamento no centro de São Paulo. Ela é professora e trabalha em uma escola particular. Ela é muito orgulhosa e gosta de mostrar o filho e o marido para os amigos e conhecidos. Ela é muito vaidosa e gosta de se vestir bem. Ela é muito orgulhosa e gosta de mostrar o filho e o marido para os amigos e conhecidos. Ela é muito vaidosa e gosta de se vestir bem.*

1.º EMIGRANTE - *Um homem, com 30-35 anos, que vive com a esposa e os filhos em um pequeno apartamento no centro de São Paulo. Ele é professor e trabalha em uma escola particular. Ele é muito orgulhoso e gosta de mostrar o filho e a esposa para os amigos e conhecidos. Ele é muito vaidoso e gosta de se vestir bem.*

2.º EMIGRANTE - *Um homem, com 30-35 anos, que vive com a esposa e os filhos em um pequeno apartamento no centro de São Paulo. Ele é professor e trabalha em uma escola particular. Ele é muito orgulhoso e gosta de mostrar o filho e a esposa para os amigos e conhecidos. Ele é muito vaidoso e gosta de se vestir bem.*

As personagens entram e ocupam as posições que conservarão até ao fim, salvo quando se constituem em coro.

HOMEM – Estou sem raízes, diz o emigrante. Mas que são as raízes dos homens? A pátria? A família? A terra? A fábrica? O escritório? O barco? Muita gente de boas falas diz que isto ou aquilo e fica muito contente. Mas quando é que o burguês não fala por falar? Acaso o emigrante não abandona a pátria, a família, a terra, a fábrica, o escritório, o barco? Uma verdade: o trabalhador é explorado, quando emigra passa a ser explorado duas vezes.

MULHER (*Lê uma carta, com dificuldade.*) – Mulher, aqui estou como um cão perdido e ao certo não sei quanto ganho e o patrão nunca mais me pagou nada. Sou aqui neste campo o único português e não entendo nada do que eles dizem. Não sei o que fazer à minha vida.

1.º **EMIGRANTE** – Há emigrantes e emigrantes. Uns são tolos, outros espertos. Para mim, ao princípio, a coisa foi dura, mas agora tudo corre menos mal. Fiz-me tractorista e ganho o meu dinheiro. Um dia destes compro um automóvel.

2.º **EMIGRANTE** – E depois nunca se sabe quanto tempo nos deixam ficar no trabalho que arranjamos. Isto é a terra deles. Uma vez querem-nos, outras vezes não nos querem. Há coisas que custam a perceber a pessoas como eu, tenho poucas letras.